



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

Feminicídio e visibilidade: A cobertura do caso Tatiane Spitzner no Jornal Nacional ¹

Marina Alves de OLIVEIRA²

Ariane PEREIRA³

Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Paraná

Resumo simples: A presente reflexão pretende ser uma contribuição aos estudos relacionados a gênero e mídias audiovisuais. Parte-se do princípio de que o feminicídio de Tatiane Spitzner – mulher branca, classe média e urbana – ganhou destaque nacional exatamente porque a vítima pertencia a esse modelo elitista. Sendo assim, pretende-se desenvolver algumas discussões sobre o papel do (tele)jornalismo enquanto produtor de discursos e formador de representações sociais, no sentido de compreender em que medida a notoriedade dada ao caso de Tatiane, através de enunciados noticiosos publicados pelo Jornal Nacional, contribui também para as discussões sobre feminicídio e direitos das mulheres.

Palavras-chave: Feminicídio; Mulheres; Telejornal

Introdução

Na madrugada de 22 de julho de 2018, Tatiane Spitzner (29 anos) caiu do 4º andar do Edifício Golden Garden, na cidade de Guarapuava, interior do Paraná. A queda de uma altura de mais de 20 metros acabou sendo o ponto final de um *continuum* de terror, que incluiu uma extensa gama de abusos físicos e psicológicos (RUSSELL e RDFORD, 1992, p.224) realizados pelo então marido de Tatiane, Luis Felipe Manvailier

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais do Alcar Sul 8 – 8º Encontro Regional Sul de História da Mídia.

² Jornalista, pós-graduada em Gestão Pública com ênfase em Direitos Humanos e Cidadania e mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste). E-mail: ninaalvesdeoliveira@gmail.com

³ Jornalista, mestre em Letras, doutora em Comunicação e Cultura. Docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em História da Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste), em Guarapuava, Paraná. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Conversas Latinas em Comunicação. Vice-coordenadora da Rede TeleJOR. Coordenadora do Projeto de Extensão Florescer: a universidade como propulsora de políticas públicas para mulheres. E-mail: ariane_carla@uol.com.br



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

(32 anos). O caso ganhou as manchetes regionais e nacionais e tornou-se símbolo no combate ao feminicídio.

E é a partir desse caso, especificamente, da análise discursiva de 16 notícias⁴ (VTs e notas cobertas) sobre o assassinato de Tatiane, veiculadas pelo Jornal Nacional (JN) entre julho e dezembro de 2018, que o presente texto deseja promover uma reflexão sobre a problemática do feminicídio na atualidade, tendo como pano de fundo os conceitos de ‘Biopolítica’ em Foucault (1988) e ‘Vida Nua’ de Agambem (2007).

No Brasil, a tipificação do feminicídio é recente. Foi somente em 2015 que uma mulher – Dilma Rousseff – à frente da presidência do país, sancionou a Lei 13.104 que tornou hediondo o assassinato de mulheres cometido por razões da condição do sexo feminino. Antes disso, “o feminicídio era punido de forma genérica, sendo enquadrado como homicídio qualificado por motivo torpe, fútil, ou ainda, em virtude de dificuldade da vítima de se defender” (FERNANDES e OLIVEIRA 2019, p. 03).

Infelizmente a morte de Tatiane não é exceção ou novidade, afinal, enquanto clamamos “nenhuma a menos”, 631 feminicídios foram registrados no país somente nos seis primeiros meses de 2020⁵.

O que neste caso é a exceção ou novidade é a forma que o caso ganhou as manchetes nacionais e passou a figurar na pauta diária do principal telejornal do país em audiência e longevidade, o Jornal Nacional⁶. Para tanto, pretende-se, a partir da forma como este caso foi noticiado, analisar se o discurso sobre feminicídio veiculado pelo JN

⁴ selecionadas a partir da plataforma de armazenamento de vídeos *GloboPlay*, desenvolvida em 2015 pelo grupo Globo e que possibilita o acesso a telejornais e programas da emissora e de suas afiliadas. Por questões de limite de caracteres, tais enunciados não serão neste espaço listados, contudo, faz-se necessário dizer que os mesmos compreendem desde o dia do feminicídio de Tatiane, até o momento em que a Justiça passa a ouvir as testemunhas do caso.

⁵ Dados do Monitor da Violência, uma parceria entre o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP), o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o portal G1.

⁶ No ar desde 1969, o JN é inda hoje um dos principais programas televisivos informativos visto pelos brasileiros, representando 25,2% da audiência domiciliar nos primeiros dias de 2021 (**Kantar Ibope Média**. Dados de audiência nas praças regulares com base no ranking consolidado – 04/01 a 10/01/2021. Acesso em 13 de janeiro de 2021).



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

é capaz de “informar com atenção a parâmetros éticos e com responsabilidade social sobre o que está por trás dessa morte, o contexto de violência em que ocorreu” (DOSSIÊ FEMINICÍDIO, 2015).

Para a presente análise, parte-se do princípio de que o Jornalismo atua como um grande produtor de discursos, capaz de influenciar na formação das representações sociais acerca de determinados temas. No caso do feminicídio, mais do que informar, cabe ao Jornalismo estimular a reflexão sobre a violência contra a mulher, além é claro, de contribuir para a desconstrução de certas visões estereotipadas.

Metodologia

Na busca por uma metodologia capaz de analisar os enunciados noticiosos veiculados pelo Jornal Nacional, e que também fosse ao encontro do saber fazer investigação em telejornalismo, optamos pela análise da materialidade audiovisual, proposta por Iluska Coutinho (2018). Metodologia esta que possibilita ao pesquisador olhar para o discurso audiovisual como único a partir de seu conjunto (imagens em movimento + áudios + tempo + edição), quase como se estivéssemos entrevistando o objeto. (COUTINHO, 2018, p.187). Para isso, a proposta é elaborar uma ficha de análise, partindo de perguntas específicas que tenham como referência as relações de gênero presentes nesses discursos e a incidência – ou não - de referências a políticas públicas de combate a violência contra a mulher.

Resultados, discussão e análises

No âmbito daquilo que Michel Foucault denominou biopolítica pensemos o assassinato de Tatiane e de tantas outras mulheres vítimas do feminicídio.

Quando Foucault introduziu a noção de biopoder no último capítulo da História da Sexualidade, Volume 1 o autor assinalou uma profunda mudança nos mecanismos de poder a partir do Séc. XVII. “A velha potência da morte em que se simbolizava o poder



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 1988, p. 131). Agora, espera-se que o ente político maior exerça a função de proteção e segurança à vida dos indivíduos, que passa a fazer parte dos cálculos do poder e simboliza também uma estratégia política.

No interior do debate sobre as estruturas do biopoder, além da noção foucaultiana, outra interessante contribuição é a do filósofo italiano Giorgio Agamben, quando propõe o conceito de vida nua, levando em conta a figura do *homo sacer*. “que consiste num indivíduo que, ao mesmo tempo em que não pode ser sacrificado, pode ser morto por qualquer um impunemente, sem que se cometa um crime” (MAIA, 2019, p. 13). Em outras palavras, a vida nua corresponde a um indivíduo que perante a sociedade teria, permanentemente, perdido seu valor. Mas o que definiria esse (des) valor? Para Maia (2019), a vida indigna de ser vivida pertence a indivíduos que estão fora de um limite pré-estabelecido socialmente, e “possuem no corpo algum marcador social - gênero, religião, condição social, nacionalidade – que faz com que ele perca o direito de ter a sua vida assegurada pelo Estado” (p. 13, *grifo meu*).

Ao noticiar o feminicídio de Tatiane, o Jornal Nacional, de fato, visibiliza o tema, contudo, pensemos nos inúmeros casos de assassinatos misóginos de mulheres que ocorrem longe da realidade elitista na qual vivia Tatiane. Por que essas mortes não recebem a mesma cobertura jornalística? E por que até mesmo os dispositivos biopolíticos parecem funcionar de maneira diferente para essas mulheres?

Considerações

A promulgação da Lei Maria da Penha e a sanção da Lei do Feminicídio no Brasil representam dois grandes avanços, especialmente por reconhecerem e nomearem problemas até então considerados de ordem particular.

Acompanhando essa mesma mudança, o fazer jornalístico também precisou ser redirecionado a partir do momento em que casos de violência e mortes de mulheres –



Comunicação e Historicidade na Crise

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Florianópolis - SC

ISSN: 2448-3370

pelo simples fato de serem mulheres – ganharam força nas pautas diárias. Agora, já não basta apenas noticiar o crime, é importante também contextualizar a violência, trazendo para o debate temas como desigualdade e direitos da mulher (DOSSIÊ FEMINICÍDIO, 2015).

Este estudo terá sua parcela de contribuição ao dar visibilidade às questões de gênero dentro das pesquisas em telejornalismo. Além disso, a ideia é ascender inquietações sobre as formas de noticiar a temática e, especialmente, compreender porque o assassinato de determinadas mulheres é mais suscetível de chegar à pauta dos noticiários nacionais, em comparação a outros.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, G. Homo Sacer. **O poder soberano e a vida nua I**. 2007. Belo Horizonte, UFMG.

COUTINHO, Iluska. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual – Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: EMERIM, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

QUAL é o papel da imprensa? In.: Dossiê Femicídio, 2015. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/qual-o-papel-da-imprensa/>> Acesso em: 18 e abril de 2021.

MAIA, Cláudia. **Sobre o (des)valor da vida: feminicídio e biopolítica**. In: História vol.38 Assis/Franca 2019 Epub Dec 02, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/his/v38/1980-4369-his-38-e2019052.pdf>> Acesso em 16 de janeiro de 2021.

FERNANDES M. R. S.; OLIVEIRA, M. A. **Feminicídio em cena: Um olhar sobre o Telejornal Paraná TV – 2ª edição durante o primeiro semestre de 2018**. Ponta Grossa, 2019.

RADFORD, J.; RUSSELL, D. **Femicide: The politics of woman killing**. Twayne Pub, New York, 1992. Disponível em <[http://www.dianarussell.com/f/femicde\(small\).pdf](http://www.dianarussell.com/f/femicde(small).pdf)> Acesso em: 13 e abril de 2021.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. São Paulo: Cultrix, 2017.